

OS EVANGÉLICOS E A REVOLUÇÃO

“O SENHOR é tardio em irar-se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado; o SENHOR **tem o seu caminho na tormenta e na tempestade**, e as nuvens são o pó dos seus pés.” Naum 1:3

As décadas de 50 e 60 foram marcadas pelas turbulências advindas de dois fenômenos políticos: a descolonização da África, e as revoluções comunistas em diversas partes do mundo. Nomes como Fidel Castro, Che Guevara, Ho Chi Mim, Nelson Mandela e outros adquirem status de ídolos entre os jovens que sonhavam com uma transformação radical da sociedade. Também em outras áreas da vida falava-se de revolução. Reich, desde a década de vinte já pregava a revolução sexual, o movimento hippie defendia a mudança de costumes, experiências com drogas eram feitas e incentivadas, o uso do LSD era visto como uma libertação dos estados da mente, a revolução deveria acontecer também nas artes e assim novos parâmetros artísticos foram procurados.

A revolução era positiva ou negativa? A resposta positiva era considerada progressista, pensava-se que a mudança da ordem levaria o homem a uma nova sociedade completamente distinta daquela que se vivia e que havia levado à 2ª guerra mundial e à bomba atômica. O homem experimentaria uma liberdade que havia sido cerceada pela família, escola, igreja e Estado. Revolução era libertação. Alguns teólogos entenderam que a Revolução era positiva, e que Deus atuava através do processo revolucionário.

A resposta negativa à pergunta levava a reação aos processos revolucionários. A reação no Brasil aconteceu de diversas formas: o golpe militar de 1964, as marchas com Deus e pela família da Igreja Católica, a vitória dos conservadores (reacionários) assumindo a direção das principais igrejas evangélicas do Brasil na época.

Com o golpe militar, tudo aquilo que pudesse ser entendido como revolucionário, era considerado perigoso e subversivo. Na igreja ocorreu da mesma forma, todas as inovações que pudessem existir, tanto do ponto de vista teológico quanto litúrgico, eram consideradas modernismo e liberalismo e deveriam ser rejeitadas. A Igreja Evangélica no Brasil na década de 60 e 70 serviu a ditadura militar, inclusive perseguindo os seus membros dissidentes. Havia duas formas de compromisso com a ditadura: a primeira dando apoio formal ao governo, e a outra era a omissão, quando incentivava os seus membros a não participarem da vida política.

Com a redemocratização do Brasil em 1982, primeiramente com a eleição para os

governos dos Estados, e em 1989 com a eleição para presidente da República, ressurgiu uma presença dos evangélicos na política. A eleição para a Constituinte trouxe a público um novo fato: a eleição pela primeira vez de deputados evangélicos que formaram uma bancada informal para defenderem interesses corporativos das igrejas evangélicas dentro da Constituinte, e que era formada majoritariamente por deputados pertencentes a Igrejas Pentecostais, entre as quais a Igreja Universal do Reino de Deus.

Desde então, a Igreja Evangélica mudou o seu discurso diversas vezes. A omissão dá lugar a uma participação oportunista (obter concessão de rádios e canais de televisão por exemplo). E mais recentemente a participação política é vista como desígnio divino, para se colocar a nação, ou o Estado nas mãos de Deus.